

Entre mansões e barracos, Brasília reflete o País

Luis Ribeiro

Dez vezes mais piscinas que ônibus para o transporte urbano. Mansões hollywoodianas às margens do lago, favelas e "invasões" miseráveis espalhadas na beira de estradas ou escondidas no meio dos cerrados. "Marajás" desfrutando de mordomias e desempregados tirando o sustento de suas famílias no "garimpo" do lixo em aterros sanitários.

Na visão de seus idealizadores, Brasília teria de ser mais que uma nova capital brasileira. Teria de ser o retrato do novo Brasil — vibrante e vigoroso — que parecia estar nascendo, no fim da década de 50, no entusiasmo do governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek.

Este Brasil ideal ficou bem demonstrado na ampliação do projeto urbanístico de Lúcio Costa e na arrojada e poética arquitetura de Oscar Niemeyer. Porém, o desenvolvimento harmonioso, sonhado há mais de 30 anos, não se tornou realidade. O ritmo acelerado de concentração de rendas e o consequente agravamento dos desníveis sociais acabaram fazendo do País um conglomerado de Suíças e Biafras.

Mas, ironicamente, Brasília continuou sendo um retrato fiel deste novo Brasil. Um retrato em alto contraste. E Suíça, na majestosa Esplanada dos Ministérios, na monumental Praça dos Três Poderes, nas bem arborizadas superquadras e no paraíso de clubes, jardins e palacetes das orlas do Paranoá. E Biafra nas "invasões" e em grande parte da periferia das cidades satélites.

Contrastes crescentes. Os contrastes sociais no Distrito Federal aumentam dia a dia com seu alarmante crescimento populacional. Brasília foi projetada para ter 500 mil habitantes no ano 2.000. Em 1970 já estava perto dos 550 mil. Hoje tem mais de 1,7 milhão. Na virada do século, poderá ter mais de 4 milhões, segundo estimativas das Nações Unidas.

"A Brasília projetada por Lúcio Costa, isto é, o Plano Piloto, ainda está com uma população dentro da estimativa que ele fez há 30 anos. Está com 364 mil habitantes" — observa o secretário de Comunicação Social do GDF, jornalista Osvaldo Peralva, que acrescenta: "O que está fora de controle é a população das cidades-satélites, que nem eram previstas pelo Lúcio Costa".

Peralva comenta que a idéia que se tinha quando a cidade foi projetada era a de que ela poderia abrigar no Plano Piloto tanto os

altos funcionários do governo, quanto os trabalhadores mais humildes que a construíram. E até se imaginava erradicar a antiga "Cidade Livre" que servia de acampamento principal para o pessoal empregado na construção da nova capital. Mas isso foi impossível e, já na década de 60, o acampamento se transformava no Núcleo Bandeirante, hoje com 22,5 mil habitantes.

Mesmo depois de terminadas as principais obras da cidade, Brasília continuou atraindo trabalhadores sem especialização de todo o País, ainda sonhando com as muitas lendas e poucas verdades do eldorado que seria a nova capital.

Na década de 70, acrescenta Peralva, as "invasões" de migrantes já proliferavam por todo o Plano Piloto. Então, o governo criou a Comissão de Erradicação das Invasões (CEI), que as erradicou, mas acabou perpetuando seu nome na Ceilândia, um favelão mal disfarçado, hoje a maior cidade-satélite de Brasília, com 466 mil habitantes.

O contraste entre o padrão de vida no Plano Piloto e nas satélites é retratado, entre outras coisas, pela disponibilidade de áreas verdes. O Plano tem 100 metros quadrados de gramados e jardins para cada habitante (no Rio de Janeiro este índice é de nove metros quadrados; em São Paulo, não chega a dois). Nas satélites, porém, este índice está próximo de zero, pois com tantas outras carências na infra-estrutura urbana, ainda não se cuidou do luxo dos ajardinamentos.

Faltam casas

O secretário da Habitação, Benedito Domingos, estima em 150 mil o déficit de casas para a população do Distrito Federal. Sua Secretaria tem planos de construir mais 35 mil casas e apartamentos para a população de baixa renda até o fim do próximo ano. Não há recursos para construir mais do que isto, nem a disponibilidade de água potável no DF permite que sua população continue crescendo indefinidamente — diz o secretário. Por isso, tanto Domingos quanto o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, defendem medidas de emergência para conter o inchaço populacional do Distrito Federal. Lopes já chegou a propor um plano de incentivo à volta dos migrantes a seus locais de origem, mas ninguém mais no Governo encampou esta idéia que parece impraticável. Domingos defende a criação de indústrias no Entorno de Brasília, para conter as levadas de migrantes. Porém esta idéia ainda não foi à frente.

Para cada ônibus, 10 piscinas

Segundo o Departamento de Transportes Urbanos, o Distrito Federal tem 1.200 ônibus para todas as linhas do Plano Piloto e das cidades-satélites.

Segundo a média das estimativas de empresas especializadas no ramo, Brasília tem mais de 12 mil piscinas domésticas, sendo que 80% delas estão concentradas nas residências dos lagos Sul e Norte. Victor Ângelo da Silva Matta, dono de uma das maiores e mais antigas empresas de manutenção de filtros de piscinas em Brasília, afirma ter mais de 600

clientes, somente na área do Lago Sul. Na empresa Aquazul estão cadastrados mais de dois mil compradores habituais de produtos químicos para tratamento de água. Neste número incluem-se tanto donos, quanto os chamados "piscineiros", que trabalham em diversas residências.

Victor estima que o número de piscinas no DF pode chegar até a mais de 15 mil, por considerar que a grande maioria delas não faz nenhum tratamento da água.

Até o próximo domingo, 51 obras inauguradas

Até o próximo dia 24 o governador José Aparecido inaugura 51 obras (40 nas cidades-satélites e uma no Plano Piloto) como parte das comemorações do 28º aniversário de Brasília. O valor total dos projetos está orçado em Cz\$ 180 milhões segundo dados da Coordenadoria das Administrações Regionais (CAR).

A maioria das obras é considerada de pequeno e médio porte e entre as principais estão o centro de saúde do Setor "O", de Ceilândia, o Pronto Socorro do Hospital de Planaltina, o sistema de abastecimento de água da Vila Paranoá, o posto rural do Combinado Agrourbano e uma escola no Conjunto Lúcio Costa. No Plano Piloto, o governador faz o tombamento da Escola Classe 308 Sul e inaugura obras de reformas.

Ajuda. Os projetos maiores, como o Museu do Índio, não estão concluídos e só serão inaugurados depois de maio. A construção do museu está sendo financiada pela Fundação Banco do Brasil. O governador afirma que apesar de o GDF receber ajuda de instituições na execução de projetos, ele necessita de Cz\$ 11 bilhões para serem aplicados em programas e para pagar compromissos assu-

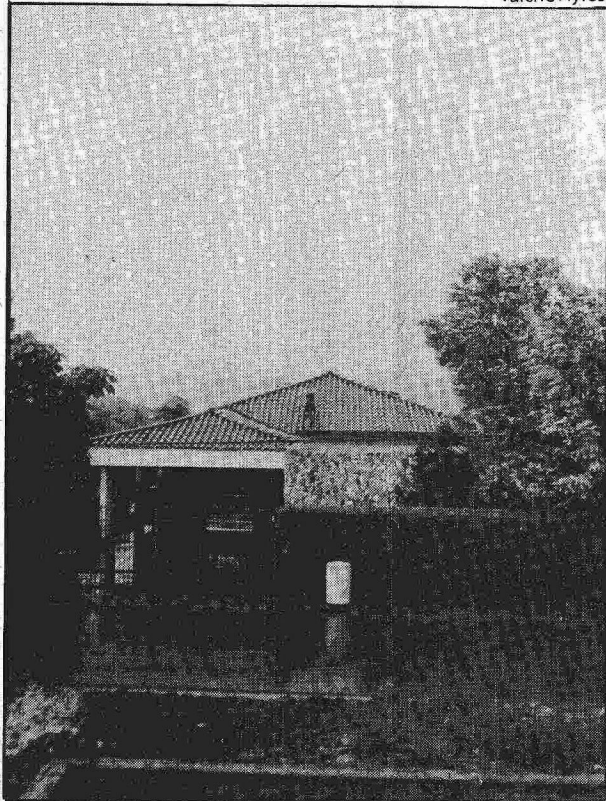
midos pelo Governo. Na semana passada, Aparecido foi ao ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e ao presidente José Sarney pedir a suplementação de verba da ordem de Cz\$ 4 bilhões, a serem aplicados em projetos prioritários. Fazem parte da lista, o Pronto Socorro do Hospital de Planaltina e reformas no Hospital de Base.

Verba

O ministro e o presidente da República ficaram de estudar o pedido. Por isso, segundo dados de um dos técnicos da Secretaria de Viação e Obras, é possível que o governador não inaugure as novas instalações do HBB, por exemplo, durante as comemorações do aniversário da cidade, por falta de verba.

Na lista de inauguração do governador, distribuída pela Secretaria de Comunicação Social, constam ainda um posto rural no núcleo Santos Dumont, novas instalações da Terapia Intensiva do Hospital Regional de Sobradinho, uma lavanderia no Hospital Regional de Taguatinga, um quartel do Corpo de Bombeiros em Planaltina e pavimentação das rodovias DF-130, DF-180, DF-410 e DF-085. O governador vai inaugurar também sete pontes.

Valério Ayres



As mansões do Lago contrastam com os barracos improvisados das invasões, que não estavam previstas no plano inicial

Previsão para futuro é pessimista

As previsões para o futuro de Brasília não são boas. Projetada para abrigar uma população de 500 mil pessoas no ano 2000, a cidade tem hoje 1,7 milhão de habitantes e a estimativa da Organização das Nações Unidas — ONU, é de que esses números dobrem até lá.

O secretário de Serviços Públicos, José Carlos Melo, afirma que Brasília vai chegar ao ano 2000 com "vários problemas". O pior, segundo ele, será o desemprego. "Não há nenhum sinal de que a cidade poderá absorver tanta mão-de-obra". A vocação da Região Centro-Oeste, na opinião dele, é "agro-pastoril" e nem mesmo a construção de um pólo de alta tecnologia absorverá a massa de desempregados. "Estas empresas (informática) absorvem pouca mão-de-obra, altamente qualificada. Teremos talvez que trazer profissionais de São Paulo", diz José Carlos Melo, para quem Brasília não é um lugar gerador de empregos.

Sobre a possibilidade de a cidade se tornar uma imensa favela, o secretário de Serviços Públicos, Adolfo Lopes, foi claro: "Já há indícios". No início de 1987, a cidade tinha 44 favelas, segundo dados do próprio GDF. Um ano depois, os números quase chegaram a 80 invasões, de ter-

renos públicas e privados. "A cidade é elitista, foi feita para ninguém ver pobre", disse o secretário, referindo-se ao conjunto de prédios-dormitórios do Plano Piloto.

Piorar

"Brasília não é uma cidade industrial, não há emprego, e isso vai piorar", disse o fotógrafo João Gabriel Gondim, que mudou para Brasília em 1959. "Na época havia 80 mil habitantes, 60 mil deles, nordestinos", lembra ele. A previsão de Gondim para a passagem do século é "um inchaço populacional desregulado, com dificuldades sociais se agravando". Para o fotógrafo, "as pessoas que desembarcassem na cidade deveriam ser orientadas pelo serviço social".

A presidente da Associação União e Luta dos Moradores do Setor O, Emília Magalhães, também tem uma solução para que Brasília não passe pelo ano 2000 com uma "população miserável, assalariada e com as piores condições de vida". Mas a solução dela depende exclusivamente do Executivo. "Proponho uma reforma agrária imediata, para fixar o homem no campo, e uma reforma urbana, fazendo o assentamento

de favelas de uma forma efetiva", propõe Emília Magalhães.

Planejamento

O diretor do Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômico (Dieese), Márcio Pochmann, diz que prefere não fazer previsões. Mas não resiste: "O atual governo do DF não tem um planejamento para chegar a algum lugar". Na opinião dele, Brasília não pode ser excluída de um contexto nacional, de um Brasil onde "as medidas são de curto prazo". O que ele propõe é um planejamento a longo prazo, integrando transporte, indústria, saúde, educação, agricultura e emprego.

Ele lembrou que o senador Roberto Campos (PDS-MS) "fez planejamento a longo prazo, mas sem a participação popular" e denunciou que, "de planejado aqui em Brasília, só existe o local onde a elite mora", em referência também ao Plano Piloto. Ao invés de planejar, segundo Pochmann, nossos políticos "jogam com a barriga".

Para o economista, doze anos "é um tempo curto para se fazer grandes coisas, e se os nossos próximos três governadores (eleitos) pensarem no futuro, terão que pensar nos marginalizados".

Um aniversário pobre e bem triste

Depois de tantas homenagens a cada aniversário, Brasília Maria Costa Goes, a primeira criança a nascer no dia 21 de abril de 1960, passará o 28º pela primeira vez, sem comemorações. A falta de condições financeiras e a morte recente de um irmão tiraram seu ânimo. Morando hoje em uma casa modesta no Setor P Norte da Ceilândia, ela disse que o fato de ser a primogênita de Brasília não lhe valeu grandes privilégios, a não ser uma casa e um emprego. "Mas isto são coisas pelas quais eu iria batalhar e conseguir", afirmou ela.

Brasília nasceu às 6h21 de 21 de abril de 1960, dia da inauguração da capital da República, e foi batizada pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Depois de viver por algum tempo, o contraste entre a miséria da Ceilândia e a mansão de seu padrinho, próximo de Luziânia, seus sonhos tomaram outros rumos. Aos 17 anos ela perdeu o pai e teve que deixar os

Ivaldo Cavalcante



Brasília Maria, a primogênita

estudos para batalhar um emprego e sustentar a mãe e quatro irmãos. Sua mãe morreu há dois anos e após o assassinato de um dos irmãos, no dia 29 último, restou-lhe a tarefa de cuidar dos novos sobrinhos que ele deixou e da viúva desempregada.

Há nove anos Brasília Maria reside na Ceilândia. No conjunto C da QNP-05 todos os moradores conhecem a sua casa. Por trás da grade alaranjada de dois metros de altura está a casa de reboque, sem pintura, com uma garagem que abriga um Chevette bege, ano 76. Financiada pela Sociedade de Habitação e Interesse Social (Shis), a residência conta com dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

Para ilustrar melhor o seu passado, Brasília mostrou um álbum com fotos da festa de 15 anos, quando debutou pela capital, em 1975. O baile contou com a participação de uma debutante de cada estado e território, e com as presenças de seus governadores ou representantes. Ela lembrou que a festa se realizou no clube Naval e a sua roupa foi paga pelo Governo. Outros fatos que marcaram: um churrasco na mansão JK, em 1975 e a festa "O Melhor Reveillon do Mundo", no Salão Azul do Hotel Nacional.

OPINIÕES

Belo crepúsculo

Márcia Kubitschek (PMDB-DF), deputada federal: "Além da arquitetura, o que mais me impressiona em Brasília é o pôr do sol. Os crepúsculos são bonitos e poéticos, grandiosos como a própria cidade. Meu programa preferido, aqui, é jantar com amigos e comer uma boa comida mineira. Brasília enfrenta hoje os problemas de uma cidade que cresceu mais do que devia. Hoje necessita de reformas urgentes que possibilitem a ampliação da infraestrutura de saneamento básico, principalmente nas cidades-satélites e no entorno. Precisa também solucionar seus problemas nas áreas de transporte, saúde, educação, habitação.

O espaço aberto

Lúcio Costa, urbanista: "A cidade existe. Onde era deserto e solidão hoje é a capital da República. O que mais me impressiona em Brasília é o conjunto da estrutura urbana e a paisagem. E, dentro deste conjunto, o que mais me interessa é a Praça dos Três Poderes onde existe uma integração urbanística com a arquitetura inteiramente sintonizada tanto na minha parte como na do Oscar Niemeyer. Interessam-me muito, também, as superquadras. Foi uma solução de habitação muito inteligente porque é o oposto da idéia de condomínio do Rio e São Paulo, onde precisa de passaporte para entrar. Em Brasília é tudo aberto, as pessoas circulam livremente e os espaços são íntimos para os moradores.

Falta legislação

Eurípedes Camargo, 34 anos, serralheiro e presidente da Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia: "Moro e trabalho na Ceilândia e considero o melhor lugar de Brasília. Vim do interior de Goiás há 17 anos e enfrentei um ritmo de vida bem diferente, mas me habituei. Eu não tenho projeto para sair do Distrito Federal. Brasília ainda está em construção e eu sinto a possibilidade de participar deste projeto. O que está faltando nesta cidade é uma Constituição local e uma política mais direcionada com respostas mais rápidas para os problemas da cidade. Isto poderia definir a política da habitação, que é um dos maiores problemas enfrentado por nós.